

PARÁBOLAS

IMATURIDADE OU INCONSEQUÊNCIA?

O eleitor brasileiro em geral, e o roraimense em particular, ainda precisará percorrer um longo caminho até aprender a votar e a construir um regime democrático sólido e pleno, com representantes dignos de serem reconhecidos como tal. Explico: números de uma pesquisa encomendada por políticos roraimenses para consumo interno apontam que o candidato a deputado estadual que está em primeiro lugar na preferência do eleitorado é um sujeito que até bem pouco tempo esteve preso sob acusação de tráfico de drogas. O cidadão, que aparece com 6,10% das intenções de voto, tem mandato de vereador em Boa Vista e também foi um dos mais votados.

OLHAR DE CIENTISTA

E por falar nisso, o cientista político Elói Martins Senhoras, da Universidade Federal de Roraima, fez uma breve avaliação do primeiro mês de campanha eleitoral em Roraima. Segundo ele a soma de gastos de campanha, apresentadas ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) pelos candidatos, no montante de R\$ 30,5 milhões leva a duas conclusões que deveriam preocupar seriamente os eleitores.

OLHAR DE CIENTISTA 1

Primeiro ele diz que "todo este empreendedorismo político dos candidatos, financiado por contribuições de empresas concentradas na área de engenharia, construção ou prestação de serviços terceirizados e de transporte demonstra que o exercício da administração pública será permeado por interesses que irão além daqueles dos eleitores".

OLHAR DE CIENTISTA 2

Por fim, Elói Martins observa que "a prática de compra de votos no estado se mantém viva com este montante de recursos financeiros para esta eleição". O cientista político afirma ainda que a situação "não desmente o boca-a-boca da população, que descrente na política, ainda reproduz o dito popular de que eleição se ganha no dia e com dinheiro".

ROSSI DÁ AULA

O jornalista Clovis Rossi, em entrevista à revista imprensa de agosto, diz não ser verdadeira a afirmação ora corrente no Brasil, segundo a qual a desigualdade entre ricos e pobres diminuiu. Para o influente jornalista, as pessoas fazem uma confusão generalizada quando falam sobre o tema. Rossi diz que a pobreza diminuiu sim, mas não diminuiu a desigualdade, pois são duas coisas diferentes.

ROSSI DÁ AULA 1

Conforme Rossi, "as pessoas falam de desigualdade de renda como se salário fosse renda. Não: a diferença entre o que ganha o capital e o que ganha o trabalho, entre o que você que trabalha e ganha e o que ganha o capitalista, que tem dinheiro investido, continua sendo obscena". Outro apontamento importante feito pelo jornalista é o de que ninguém - leia-se: as autoridades - quer discutir essa questão a fundo, pois significaria mexer com os interesses mais caros ao sistema sócio-econômico vigente, como a concentração da riqueza entre poucos.

BARRADO NO BAILE

Uma fonte da coluna informou que ontem, durante suas costumeiras caminhadas de campanha, o governador Anchieta Júnior quase foi impedido de entrar no Mercado Municipal Sabá Floresta, mais conhecido como Mercado do São Vicente, por um dos administradores do logradouro. O chefe do Executivo estadual resolveu iniciar a caminhada de quarta-feira, 26, visitando os comerciantes lá estabelecidos e foi abordado pelo administrador do mercado, dizendo que ele não poderia prosseguir.

BARRADO NO BAILE 1

Indignado, Anchieta Júnior disse que iria prosseguir sim, pois ali é um espaço público e queria ver quem o iria impedir de fazer as visitas. Um outro administrador - são três administradores, informou a fonte da coluna - chegou para tentar impedir o governador de prosseguir sua visita, mas não conseguiu prosperar. Após um breve bate-boca entre os dois, Anchieta seguiu sua caminhada, mas sempre acompanhado de perto pelos funcionários que cuidam do mercado.

AMIGOS PARA SEMPRE

Numa reunião dos candidatos da Coligação União por Roraima com a classe produtiva, realizada na noite de quarta-feira, 25, o deputado federal e candidato à reeleição Márcio Junqueira (DEM) estava que era só afeto e camaradagem com o senador Romero Jucá (PMDB), que também busca se reeleger. O democrata disse que desistiu da arenga com Jucá, pois entendeu que aquilo não levaria a lugar nenhum. Junqueira reconhece publicamente a superioridade política do ex-adversário que tanto acinhalhou.

UM BRINDE AO ÓCIO

Sob a justificativa de que os pais precisam acompanhar os primeiros meses de vida dos filhos, o candidato a deputado estadual Leo Dantas quer criar o licença paternidade de seis meses, a exemplo da licença remunerada de igual período que já beneficia as mães parturientes. É verdade que o candidato - como representante de uma juventude plugada - tem boas ideias, como a ampliação da internet banda larga para todo o Estado de Roraima e a revisão da lei dos direitos autorais. Mas essa da licença paternidade de seis meses é o que pode chamar de "um brinde ao ócio".

Colabore com a coluna Parábolas.

Envie sugestões para o email: colunaparabolas@gmail.com



ARTIGOS

Uma nova sociedade para um novo mundo

Luiz Valério *

Eu conversava esses dias com um amigo sobre a questão do uso abusivo do termo "desenvolvimento sustentável", que se tornou expressão da moda e que todo mundo usa quer seja no mundo político e que seja no corporativo para se mostrar ecologicamente correto. Muitas empresas empregam o termo em suas campanhas publicitárias apenas com finalidade ganhar pontos junto à sociedade e cada vez mais preocupada com as questões ambientais, devido à cobertura mais incisiva da mídia sobre o tema.

Esse meu colega, jornalista renomado e bom baiano (ou vice-versa), me falava sobre o que considera incoerente nas propostas da candidatura verde à Presidência da República, Marina Silva. Dizia ele que não dá para falar em progresso e desenvolvimento sem se admitir que é preciso derrubar a floresta, ainda que acompanhado de um programa compensatório, como o reflorestamento. Meu parceiro de reflexões ambientais afirmava que ainda há "uma visão romântica", quando pessoas de fora se referem à Amazônia como um paraíso que deve ser e permanecer intocável.

Concordo em parte, e somente em parte, com os argumentos do caro amigo em questão. Porém, penso que diante da reação da natureza que nos tem castigado com fenômenos climáticos atípicos, causando tragédias humanas mundo a fora, temos que repensar o nosso conceito de desenvolvimento e progresso. A Mãe Terra está a reclamar dos abusos e excessos cometidos pelo homem ao longo dos séculos. Os recursos naturais estão se esgotando e daqui a pouco, corremos o risco de ter uma guerra por água doce e potável. Já há hidropiratas roubando água dos rios amazônicos para levar para outros países.

O grande desafio humano desse e dos próximos séculos será conseguir desenvolver uma nova forma de produzir riquezas e alimentos sem causar

grandes danos ao meio ambiente. O clima do mundo está ficando superaquecido. Estudos científicos já mostram que a temperatura da terra está subindo, que os raios solares estão chegando mais intensos até nós e que, daqui para a frente, muitas pessoas serão acometidas de câncer de pele. Por outro lado, precisamos das florestas tropicais para a produção de oxigênio e para a manutenção dos biomas e de toda a biodiversidade que há neles.

Os próximos gestores precisarão, cada vez mais, buscar entender e respeitar o meio ambiente para que possam pensar políticas públicas e projetos de desenvolvimento capazes de gerar progresso sem comprometer o bem-estar dos povos em todo o mundo. De nada adiantará gerar riqueza se não houver quem a consuma. Apesar de todas as previsões apocalípticas, está cada vez mais claro que a humanidade será arrastada por uma série de fenômenos naturais e climáticos que podem resultar no desaparecimento de cidades e na morte de milhares de pessoas por doenças e epidemias causadas pelas bruscas mudanças climáticas e as enchentes que tem deixado cidades inteiras submersas nos vários continentes.

A qualidade de vida dos povos e a busca por um outro modelo de meios de produção e da sociedade de consumo devem ser pauta de discussão dos atores políticos no Brasil e no mundo. O que antes soava como alarmismo, agora se manifesta em catástrofes concretas, ceifando a vida de milhares de pessoas aqui e ali. Temos que pensar num outro mundo possível, do ponto de vista ambiental. Mais do que conversa de ambientalista desavida - coisa que nunca fui - esse é uma constatação baseada em fatos que só não vêm quem não quer.

(*) Jornalista, professor radialista e blogueiro, com Especialização em Comunicação Social e Novas Tecnologias. Email: luiz.valerio.silva@gmail.com - Twitter: @Luiz_Valerio

CAMPANHA ELEITORAL EM RORAIMA

Um balanço sobre as primeiras semanas

Elói Martins Senhoras¹

Em qualquer parte do mundo onde existam campanhas eleitorais, elas representam os meios de publicação das propostas políticas dos candidatos, o que leva a uma dinâmica eleitoral de competição onde existe o objetivo de conquistar o voto do eleitor por meio de um padrão sistemático de estratégias de ataque e defesa.

As primeiras semanas de campanha eleitoral em Roraima já demonstram que esta situação não será distinta do recente padrão histórico de outras eleições desde a criação do estado, uma vez que a dinâmica do sistema político roraimense foi sedimentada ao longo do tempo por meio de estratégias que levam a acusações e conflitos partidários.

Nesta competição pelo voto de 261.746 eleitores, a largada já começou acirrada ao se observar que o Roraima se destacou nacionalmente por possuir a liderança nos custos de campanha no valor de R\$ 116,72 por eleitor, o que totalizou uma pretensão de gastos pelos candidatos ao governo do estado na cifra de R\$ 30,5 milhões, e que nos levam a duas conclusões:

Primeiro, todo este empreendedorismo político dos candidatos, financiado por contribuições de empresas concentradas na área de engenharia, construção ou prestação de serviços terceirizados e de transporte demonstra que o exercício da administração pública será permeado por interesses que irão além daqueles dos eleitores.

Segundo, a prática de compra de votos no estado se mantém viva com este montante de recursos financeiros para esta eleição, com esquemas sendo arquitetados por correligionários que pretendem continuar tirando uma casquinha dos cofres públicos em cargos comissionados. Não desmente o boca-a-boca da população, que descrente na política, ainda reproduz o dito popular de que eleição se ganha no dia e com dinheiro.

Os bate-bocas entre as coligações políticas vão além dos espaços de propaganda eleitoral gratuita no rádio e televisão, nas quais tomam vários outros espaços, disputando um espaço publicitário nas campanhas ou inclusive no pró-

prio Tribunal Regional Eleitoral, com disputas judiciais sobre irregularidades na veiculação das peças publicitárias.

Em Roraima, a construção democrática pretensamente propiciada pelo pleito eleitoral passa a ser subvertida pela lógica do mau uso da propaganda eleitoral e da máquina pública, com um secretário de estado sendo demitido por carregar santinhos, adesivos e panfletos ou pelo fato de cartazes impedirem a livre circulação de pedestres no meio-fio, mas principalmente por não existirem propostas ou novas ideias como fazer política.

Muito distante de campanhas eleitorais, voltadas para a exposição de ideias, programas e projetos políticos, o que existe em Roraima e em muitos outros cantos do Brasil é uma arena de combate, onde o que importa não é a conquista dos cidadãos pelas propostas, mas antes é a performance da arte de fingir fazer política.

Na ausência de um debate qualitativo de ideias, nos tornamos reféns de uma corrida eleitoral, que nas primeiras semanas mostrou que as disputas até então se restringem ao melhor *jingle* musical, quem é o político mais fã de suja ou pela busca de quem é o herdeiro dos legados do "pai político" de Roraima, o governador e brigadeiro Ottomar Pinto.

Com a lanterna na polpa, as propagandas eleitorais mostram que o estado trilha pelos mesmos caminhos de conflitos partidários de antes e que, portanto, não existem estímulos suficientes nas campanhas para melhorar o debate, a não se responder às críticas e enar novos contenciosos que possam angariar votos.

Sem sinalizações no horizonte para a divulgação de projetos e programas políticos que tenham conteúdo plausível de implementação em um estado endividado e dependente da União, lamentavelmente, o que definirá as eleições para governador, senadores ou deputados estaduais e federais continuará sendo a dinâmica de acusações e o peso definitivo do dinheiro para lubrificar os votos, haja vista que Roraima ainda mantém por força de seus políticos a lógica de exterritório, própria de um curral eleitoral, com alguns poucos caciques.

EXPEDIENTE

MONTE RORAIMA

A SERVIÇO DA VIDA E DA CIDADANIA

E-MAIL:

jornalmonteroraima@bol.com.br

SUPERINTENDENTE

Fernando Rocha

EDITORIA CHEFE

Etienne Travassos

SECRETÁRIO DE REDAÇÃO

Jânio Tavares

CONSELHO EDITORIAL:

André Vasconcelos, Glaubio Batista, Gianfranco Graziola, Eliene Travassos, Fernando Rocha e José Ibarra.

IMPRESSÃO: JÚLIO SÉSAR PRADO BUSSACCHI
Boa Vista - Roraima - Tel.: (95) 4141-1241

ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO

Rua Fernão Dias Paes Leme, 11
Telefone/Fax: (95) 3624-4522
(Redação)

Calunga - Boa Vista/RR

CEP. 69303 - 220

CNPJ: 34.809.111/0001-65

Propriedade da Fundação Educativa Cultural José Allamano